

ENTREVISTA

“... pretende ver os surdos num futuro próximo derrubando barreiras e superando obstáculos seja em sua vida profissional ou no contexto social.”



*M*arcus Vinicius Freitas Pinheiro, nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 24 de abril de 1970. Ficou surdo aos 7 anos de idade em consequência de meningite. Estudou no Instituto Nossa Senhora de Lourdes – INOSEL, onde concluiu o Ensino Fundamental e conheceu muitos surdos e pôde perceber a sua vocação para educador devido ao seu trabalho na Pastoral dos Surdos.

No Ensino Médio, cursou numa escola técnica, habilitando-se como Técnico de Eletrônica, infelizmente não seguiu carreira, ingressando 4 anos após, em 1994 na Universidade do Estado do Rio de Janeiro onde graduou-se em Pedagogia e nos anos seguintes cursou a pós-graduação em Administração e Planejamento da Educação.

Sua atuação como educador dos surdos, teve início em 1997 quando estagiou no Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES, atuando ao lado da Profª. Sueli Fonseca e depois foi para o INOSEL onde deu continuidade ao seu trabalho. Atuou também na Casa de Cultura do Silêncio dando aulas de reforço em Língua Portuguesa para os surdos e como instrutor. Depois foi para a APADA de Niterói trabalhar no Programa de Apoio ao Ensino Supletivo dos Surdos – PESS lecionando todas as matérias para turmas de 6ª e 7ª séries do Ensino Fundamental. Atua também no Centro Educacional Pilar Velasquez como professor de Ensino Fundamental, lecionando na 1ª, 2ª e 3ª séries do Ensino fundamental e transmitindo principalmente a primeira Língua para os surdos (L1) que é a Língua de Sinais. Em 2001 ingressou no INES como professor da nova disciplina criada pela instituição que é a LIBRAS com a finalidade de transmitir aos alunos o aprendizado e conhecimento da sua língua. Atualmente atua como Professor Orientador desta disciplina e realizando Assessoria Técnica em diversas

instituições espalhadas pelo Brasil transmitindo para os educadores e familiares a importância da aceitação da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e o respeito que eles devem ter para com os indivíduos surdos.

Carrega consigo um lema de que pretende ver os surdos num futuro próximo derrubando barreiras e superando obstáculos seja em sua vida profissional ou no contexto social.

- 1) Conte-nos sobre o trabalho que realiza no INES com a LIBRAS como disciplina na grade curricular.

No INES o meu trabalho com a LIBRAS é bastante diversificado, uma vez que não atuo somente em sala de aula.

Participo das reuniões da COAPP, pois exerço a função de Professor Orientador da LIBRAS, faço Assessoria Técnica e dou palestras viajando pelo Brasil em nome do INES além de dar aulas para os alunos do Ensino Fundamental.

O trabalho com a LIBRAS, não é apenas o de aprimorar o conhecimento da Língua de Sinais por parte do educando, ele objetiva corrigir os erros e aperfeiçoar a forma de comunicação do educando e a sua linguagem, ampliando o seu vocabulário e inculcando nele uma consciência crítica.

- 2) O que mudou efetivamente para as pessoas surdas depois da sanção da lei 10.436/2002?

Após a sanção da Lei 10.436/2002, que é uma Lei Federal, muita coisa mudou para os surdos de uma forma geral. Podemos destacar o reconhecimento da LIBRAS como uma Língua pois desde que as pesquisas na área da surdez iniciadas por William Stokoe (Gallaudet University), na década de 60, diversos países já reconheciam a Língua de Sinais como uma Língua, e o Brasil só conseguiu reconhecer no ano passado.

Além disso a própria Lei diz que os órgãos públicos e as entidades que estão ligadas a estes órgãos terão que facilitar a comunicação dos surdos, além de adaptar os trabalhos. No entanto ainda falta regulamentar para que saibamos em que sentido isto deverá ser feito. Também a partir de agora a Lei impõe a criação da Disciplina nos cursos de Magistério em seus dois níveis – médio/superior, de Educação e de Fonoaudiologia.

Isso demonstra que estamos caminhando para a implementação do Bilingüismo na Educação dos Surdos o que já é um avanço.

3) Como está a questão dos intérpretes neste processo?

O trabalho deles irá aumentar pois as empresas públicas terão que facilitar a comunicação com os surdos e não estão preparadas para isso, portanto terão que depender dos intérpretes para realização deste processo.

Será preciso que se reconheça a função do intérprete de LIBRAS como uma profissão pois, afinal de contas, a LIBRAS é uma Língua.

4) Sendo você bilíngüe – fluente em LIBRAS e em português escrito e oral – qual a importância que isso tem no contexto social.

Não sou bilíngüe por imposição e sim por natureza é claro que minha família teve um papel primordial que deveria surpreender muitas pessoas: eles me incentivavam a aprender a Língua de Sinais e eu relutava em querer até que conheci o Sílvio Júnior, o Eduardo e o João Henrique.

5) Eles são bilíngües?

Na verdade todos sabem falar um pouco mas preferem a LIBRAS pois se expressam melhor deixando a linguagem oral de lado e nunca os obriguei ou deixei alguém obrigá-los a falar. Por isso devemos respeitar suas identidades. Quando os conheci eles só se comunicavam com a Língua de Sinais e a partir daí precisei me adaptar a eles. Isso contribuiu para meu aprendizado também pois fiquei surdo aos 7 anos de idade e no contexto social eu pude perceber que a Língua Portuguesa e a Língua de Sinais fazem parte da minha vida, sendo que a primeira para me comunicar com as pessoas ouvintes e a segunda para me comunicar com os surdos e ouvintes que dominam a LIBRAS isso pressupõe que vivo em dois meios e tive uma adaptação boa pois compreendo perfeitamente a realidade da questão social de nosso país.

6) Nas Assessorias Técnicas que realiza pelo Brasil como você em contra e vê os profissionais e pessoas surdas em relação a LIBRAS?

Bem, vejo algumas pessoas que dominam a LIBRAS e outras que ainda estão aprendendo e às vezes os próprios intérpretes sentem dificuldades de me interpretar.

Quanto aos profissionais da Educação estamos passando por um processo de mudanças e adaptações que deverão render bons frutos no futuro. Os surdos dependendo da sua personalidade, alguns são carismáticos em grande parte e trocam informações comigo. Os radicais são mais fechados e desconfiam de todos. Mas nunca criei problemas. Já me emocionei quando estive em Salvador e vi um coral de mãos de pessoas portadoras de necessidades educativas especiais cantando músicas em LIBRAS e também com o Hino Nacional em LIBRAS de João Pessoa.

7) E em relação ao Português oral/escrito?

Com relação a isto nas consultorias quase não tive a oportunidade de avaliar esta questão. Nas oficinas e palestras me expressei em LIBRAS e uso pouco a fala com os surdos que não conversam oralmente comigo. Um fato curioso ocorreu em João Pessoa e Brasília: surdos bilíngües só utilizavam o Português oral com os ouvintes e comigo só conversavam em LIBRAS. No Rio de Janeiro e São Paulo isso já não acontece pois eu me expressei das duas formas como os outros surdos bilíngües, dependendo do contexto social do momento. A Língua Portuguesa por outro lado também não a utilizo em demasia nas minhas oficinas.

8) O que acontece nos estados que já estive. As realidades são muito diferentes?

É claro que não dá para comparar com o Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Brasília onde as realidades dos surdos superam certos limites.

Quanto aos demais vejo a inclusão de forma meio desorganizada pois encontramos ainda em alguns lugares surdos estudando em classes onde possuem também alunos portadores de outros tipos de necessidades especiais, o que prejudica o desenvolvimento de ambos.

As pessoas ainda olham o surdo como um incapacitado, inútil e despreparado. Porém vejo também um grande desejo dos profissionais em estarem acertando para um melhor desenvolvimento de seu trabalho. É preciso saber dar valor a pessoa surda para que ela supere seus limites. Acredito no entanto que no futuro isso possa mudar.

Você quer deixar algum comentário final?

Certa vez li num livro de Sidney Sheldon a seguinte mensagem: "A vida de todos os homens nos lembram que podemos tornar nossas vidas sublimes e ao partirmos, deixar para trás pegadas nas areias do tempo."

Eu como educador de surdos, não me sinto um super-herói mas sim um bandeirante desbravando obstáculos em prol do benefício da educação dos surdos no Brasil. E quanto a vocês surdos sejam guerreiros, lutem por seus ideais mas com respeito e raciocínio, deixando as desavenças e o preconceito de lado.

Abraços Marcos Vinicius.

